



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Propriedade—Casa do Galato do Pôrto—Paço da Seusa

DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO

Composição e Impressão—Tip. de Casa Nun' Alvaros—R. Santa Catarina, 626—Pôrto

A ESCOLA DA NOSSA ALDEIA

CHEGOU a maré de trazer a lume, o assunto do edificio das escolas, como está no plano geral da Aldeia dos Rapazes.

Capela, oficinas, enfermaria; já riscamos estes três números do mapa das nossas canseiras. Estão as paredes a subir. Falta-nos o que é dado aos dois últimos edificios. Eu quero tudo. As oficinas exigem máquinas de tôda a ordem. A enfermaria, aparelhos de precisão. Uma vez que a Ciência diz tanto, pois que não fique só em teorias.

Se os médicos ensinam que uma grande parte de doenças do estômago é causada pelo desmazêlo dos dentes, havemos de ter uma cadeira igual à dos melhores dentistas, e um operador. Não compreendo meias tintas em casas onde se joga a saúde dos portugueses. Já sei que esta cadeira custa meio cento de contos. Não me atices os cães, quando eu fôr à tua porta!

Outrossim, aparelhos de Raios X e tudo quanto seja necessário para fazer obra séria, eficaz, duradoira. Os pequenos que nos veem ter às mãos, não se curam com papas de linhaça. Já nos teem morrido alguns por terem chegado tarde; tão cedo partem! Pois senhores; para grandes males, grandes remédios. Não queremos deslumbrar ninguém com a derradeira palavra de peças e instrumentos; queremos curar os enfermos e nada mais.

Posto isto, vamos ao edificio da escola, ao qual ainda ninguém falou. Fica mesmo no alto da «Aldeia» e forma um largo com o alpendre da capela. Tem seis aulas e dois gabinetes. Procura-se ir um nadinha além do a b c; dar aos nossos um tudo nada de verniz. Sacudir, arejar. Na nossa terra, pequenina como é e pequeninos como somos, todos os ratos são sábios; mas eu quero mandar rapazes para as nossas colónias, onde o caso muda de figura. Ali, os ignorantes gemem a vergonha do seu não saber. Conheci alguém que preferiu sofrer a calúnia de ter violado uma carta, à vergonha de declarar que não sabia ler! Como este, outros casos poderia contar.

Trabalhei um rôr de anos, fora do nosso continente, à beira de operários de certa nacionalidade. Saíam das oficinas besuntados. Daí

a nada, apareciam irrepreensíveis a tomar cerveja e a discutir ciências, letras, política, religião.

Estou contente por observar que o meu Luciano, que trabalha actualmente numa oficina do Pôrto, não dispensa a sua escova de dentes, nem o seu banho. Vai frequentar a escola industrial, para ser também capaz de limpar as unhas, tomar cerveja, e amor à vida. A massa é boa. A massa é cheia de possibilidades. Nós é que derancamos. Parece termos receio de que estes *caídos* se venham mais tarde a levantar contra nós se os levantarmos agora. Parece, mas é justamente às avessas.

O nosso analfabetismo!

Dizem que na Suíça, passara não se sabe porque malha, um rapaz de certa aldeia, sem saber ler nem escrever. Pois ia gente de longe propositadamente ver o fenómeno. Entre nós, quasi se podia dizer o contrário: nas nossas aldeias, apesar de tudo quanto se tem gisado, o fenómeno está nos que sabem,—tal a penúria da gente rural!

A nossa piolhice!

Era de uma vez um transatlântico onde eu viajava. O bico da prôa ia cheio de emigrantes de Portugal. Duas mulheres cata-vam-se ao sol, regaladamente, conforme os usos e costumes da terra. O espectáculo foi notado da ponte de 1.ª classe, e comentado. Eu estava e escutei. Ai! que vergonha de ir ali!

Senhores argentários de Portugal; homens e mulheres de dinheiros congelados; soltai o sangue das veias! Eu necessito de 300 contos para construir e equipar o edificio da nossa escola, que o mesmo é dizer, para levantar aqueles que nem sequer conhecem os seus direitos; e para isso não tenho pejo de cair aos vossos pés.

Uma Família escreveu-me a dizer que haviam mercado um casaco de peles e que por muito ler e treler «O Gaiato» *viram* que tal peça lhes não fazia falta. Regressaram à loja de modas. Os homenzinhos do balcão, ficaram com 20 %. Eu fiquei com 80 %. Aquela Família, sem nada; e pediram-me na dita carta que em troca do luxo das peles, recebesse eu na Casa do Gaiato mais um das ruas. Ora muito bem. O exemplo está dado.

Chama-se a isto fazer negócio a bem da Humanidade. Aquela Senhora, com certeza Mãe de filhos, não esconde os talentos no lenço da mão, como fez o preguiçoso da parábola; fá-los render. *Negociai*, diz a Verdade Eterna, e Ela assim faz.

Congelar dinheiro é esconder talentos; é tolher as almas; é cair na maldição de Deus! Preciso de 300 contos. Espero 300 contos.

O Pôrto há-de responder a esta carta.

UM DOCUMENTO

Uma casinha muito pobre, um velhinho mais eu. Ele fixou com os seus os meus olhos e implorou: "tudo quanto fizer no mundo, faça-o por amor de Deus." As coisas grandes aprendem-se dos humildes do coração.

Eu escutei o velhinho arqueado pelos anos, e olhei naquela revelação a doçura mai-la terrível eficacia de tudo quanto se realiza entre os mortais, com este espírito de amor.

Ora leiam esta carta:

Eu que em questões religiosas sou bastante séptica e nada praticante gosto da obra porque entendo que é preciso «acudir» a este desgraçado mundo em «ruínas». Acudir «educando» mais até do que dando o pão de cada dia. As instituições de caridade onde se dá o pão e não se cuida do espírito não me interessam. Sejam quais forem as crenças de cada um, felizes os que as teem arreigadas e firmes, felizes os que podem guiar corações dando-lhes um motivo por que vivam e sofram, um caminho certo, uma finalidade a atingir e especialmente alguma coisa de superior que possa satisfazer a imensa necessidade

Visitas suspiradas

Como o mundo ralha de tudo, não sei o que terá para dizer acêrca da constante deslocação dos nossos Ministros, em nossos dias, a tomar conhecimento de negócios das Suas pastas. Dantes não era assim. Não sei o que o mundo diz. Eu cá digo que sim, e tenho de agradecer fervorosamente a visita do Ministro do Interior à nossa «Aldeia». Antes, tinha estado o Governador Civil do Pôrto. Depois, esteve o Presidente da Câmara. Por ultimo, o Prelado da Diocese. A todos agradeço.

afectiva das almas que não encontram no mundo o objecto digno do seu amor. Foi por isso que assinei o Gaiato e envio agora a minha pequena contribuição.

Como equilibrio, como sinceridade, como intelligência, como cristianismo, nunca vi. Ai Senhora, que estais tão pertinho de Quem ainda não conheceis! Mas o caminho é esse. O grifado é meu. Ali, os pontos delicados. Ali, a ansia de viver. A carta é de Lisboa. E' de uma das grandes Avenidas. E' de um nome muito conhecido

O PEDITÓRIO NAS IGREJAS DE COIMBRA

Vamos lá; outros teem dado passos mais largos por bem menos dinheiro. Ful ali de proposito, sim, mas os auditórios estiveram oom muita atonção.

Na Igreja de S. Bartolomeu deram-me 1.315 escudos à Missa das onze. Na de Santa Cruz, à das dez horas e à do meio dia, apuramos 3.552, o que tudo somado e muito espremido, deu o numero total de 4.867 escudos. Já cheira um nadinha a Pôrto!

Na sacristia de Santa Cruz, entrou uma senhora a oferecer dois alqueires de milho e o Ismael da Livraria do Castelo, deu um recado que lhe deram para mim; três notas de mil escudos, em folha!

NOTÍCIAS

DA CASA DE MIRANDA

NOTÍCIAS

Pelo Gaiato João

OS NOSSOS POBRES

A nossa conferência socorre uma pobrezinha que mal pode viver. Chama-se tia Inocência. Nós quando vimos aquilo, à noite, na reunião dissemos do que se tratava e por fim ficou resolvido alugarmos uma casa para ela ir viver sósinha. A casa estava toda escangalhada e nós tivemos de a mandar arranjar. Já gastamos com ela 130\$00 e ainda temos de gastar mais e como não tínhamos ficamos a dever. A pobrezinha quasi todos os dias cá vem perguntar se a casa já está arranjada, coitadinha vive mesmo na miséria que ninguém pode imaginar. Há tempo esteve de cama por causa duma bronquite que apanhou. Bebe cá quasi todos os dias o café e o resto do comer do dia come em casa duma Senhora Africana que tem muito dó dela. Anda agora mais contente porque vai viver numa casita nova. Quando cá vem faz-nos muitas festas e às vezes até nos abraça. No domingo de Páscoa levamos-lhe um quilo de massa e disse: oh! meus queridos netinhos, muito obrigada. Os outros pobres também receberam um quilo de massa cada um. Ficamos muito agradecidos a um senhor de Matozinhos e outro de Lisboa que nos mandou 20\$00 cada. Também passou aqui um Senhor na estrada da Louzã que deu 20\$00 ao Vieira para os nossos pobres.

Já cá temos agora umas alminhas que é uma pedra grande com um painel de azulejo. Quando há aos alargaram a estrada da Louzã arrancaram uma pedra com umas alminhas e atiraram-as para cima dum silvado. Há dias compraram aquela terra e ainda lá estava a pedra. Trouxemo-la para casa e foi colocada na rua das oliveiras. Tivemos de suar muito porque a pedra era muito pesada. Já não se percebe nada porque levou muitas pedradas. O Tónio e o Rui quando vão brincar para o pé da pedra dizem que vão brincar para o pé do Pai-Nosso.

Como correu a Páscoa em Miranda. Foi muito alegre. Tivemos bastantes coisas. A nossa capela foi a coisa que esteve mais bonita. No sábado logo de manhã o Freitas, o Arlindo, o Zé Maria e o Albino começaram esfregar e a acarretar água. A capela mór foi encerada e à noite levou umas cortinas de seda incarnada. Tivemos missa cantada a qual saíu muito bem. Ao meio-dia comemos muitas amêndoas e arroz com coelho. A merenda deram-nos pão de ló e ovos tingidos que nos mandou um Senhor de Oliveira do Hospital. A noite tivemos vinho que nos deu um Senhor de Miranda do Corvo e que nos mandou também cinco alqueires de milho.

A nossa desobriga realizou-se na quinta-feira Santa na igreja de Miranda. Na quarta-feira veio cá um Senhor Padre para nos confessar. Na quinta-feira logo de manhã seguimos a Miranda para irmos à missa a qual foi cantada pelos Gaiatos. O Tónio, fez a primeira Comunhão. O Barrigana, e o Balalaica vão ser baptizados brevemente.

A nossa mina anda bastante adiantada. Já dá trinta litros de água por minuto. Agora tem esbarreirado

Do que nós necessitamos

Mais 20\$00 de Visitantes, mais o mesmo dos mesmos, mais outro tanto, mais 50\$00 de Sernache do Bonjardim, mais 20\$00 por carta, mais 100\$00 no Depósito, mais, da Murtosa, coisas de oiro para o nosso cálice. A carta informa que são objectos pequeninos, mas de grande tradição no seio da família. Todas as peças de oiro que têm chegado, e muitas são elas, trazem sua declaração de amor. Oh idéia luminosa de um cálice de oiro, para as nossas festas grandes! O ourives cuida que vai derreter oiro, mas não! Vai juntar um côro de vozes humildes ao turbilhão desconhecido, que canta no mundo e proclama três vezes *Santo*, o nosso Bom Deus.

De uma vez deram-me um cálice artístico de prata dourada, século XVII. Nessa maré tinha eu muita fome e troquei-o por dinheiro. Está hoje na catedral de Lourenço Marques. Quem sabe se não foi por ter dado então pão aos Pobres, que agora eles, os Pobres, me dão oiro, para um novo cálice! Mais uma aliança que pertenceu ao meu Querido e Santo Pai. A mesma pessoa que oferece este oiro para o cálice, oferece também, 4 toalhas e 50\$00, por alma do meu Querido e Saudoso Marido, por mim religiosamente amado. Nota as maiúsculas. Vê como as almas falam. Olha o côro das vozes humildes, de que o nosso cálice vai ser feito! Será que eu vou celebrar

a minha segunda primeira missa, com um cálice a trbordar amor?!

Mais 100\$ de Visitantes, e outro tanto idem, e 250\$ também. Outra vez 100\$ e 20\$ e 20\$ e uma roda de *sim senhor, isto é que são obras!* Pois são obras, sim senhor, mas não se fazem com exclamações nem água benta. Mais 40\$ e mais 75\$ no Depósito.

Mais de Lisboa uma caixa de amendoas em casca e alguns ovos pintados. Mais um cheque de mil escudos, também de lá. Mais 20\$00 de Bragança, mais um pacote de roupas de V. N. Ourém. Mais 20\$00 da caixa dos Caranhacos do Pôrto. Mais 100\$00 de Pinhanços. De O. de Azemeis, 20\$00. Mais do pessoal da Vacuum, do Pôrto, 50\$. Nas ruas do Pôrto 50\$00. Mais um pequenino envelope deixado em uma casa no Pôrto, a pedir que não dissesse eu nada dos cinco contos que vinham dentro, e assim se faz. Mais de visitantes 10\$00 e 10\$00 e 10\$00 e 40\$00 e 360\$00 de um grupo de cinquenta ciclistas que cá vieram. E agora, por bicicletas; quem nos manda uma para pernas de 12 a 14 anos, quem? Já foi aqui pedida repetidas vezes! Será que vamos ter uma repetição do caso da máquina de costura; peço-a no Pôrto e ela vem de Lisboa. Será? Oh Pôrto, que fazes aos teus créditos? Ou comes agora carne, em vez de tripas! Mais uma pancadaria de

pão fino que deram ao Elvas na Confeitaria Palace.

Necessitamos de muito mais coisas, mas que não seja eu a pedir, antes o teu coração a dar. Dar livremente. Dar com alegria.

Mais 100\$00 da Posta Restante, Pôrto. Alguém certamente que lá de jornada, quis dizer adeus à nossa aldeia, com pena de não ter cá chegado; quem sabe?!

Mais 20\$00 para a nossa conferência. Mais de Lisboa 100\$00 para a conferência de Miranda e outro tanto para a de Paço de Sousa.

Chorou-se, em Lisboa, pela notícia da morte da Timaria dos cacós: — *ia muito linda e perguntou por nós antes de morrer*, dizia o pequenino Secretário da conferência. Oh! olhos preciosos do ontem filho das ruas; como tu hoje vês bem?! Quem te ensinou a chamar *linda* àquilo que a Escritura chama *preciosa*?! Se fôr necessário chorar, sofrer, morrer aos bocados, para dar luz a esta sorte de crianças — Senhor dos Céus, *aqui estou eu!*

Mais uma coisinha de oiro para o cálice. *Foi-me dada por meu Pai, no dia do meu casamento.* Eis o sinete da peça. Eis o valor que ela tem.

Quem houver de se despojar de mais alguma coisa, são horas de o fazer. Brevemente teremos de derreter o que existe e começar a obra.

De como foi este ano a nossa

PÁSCOA

Eu era para não dizer nada. Não sei que mal deu nas galinhas ou nas donas delas, que de oitenta, do ano passado, este, passou para para oito ovos. Ou será que elas já sabem do racionamento?

Era para não dizer nada. Mas digo a definição do apostolo, falando da Páscoa às gentes do seu tempo, a quem ensinou ser ela, a Páscoa dos cristãos, *Cristo Jesus imolado*. Aqui, toda a substância. Ovos tingidos, amendoas, pão leve, repenicar de sinos, — acidentes, e nada mais.

A quinta-feira daquela semana, foi a Maior, por isso mesmo fizemos nela o nosso agape espiritual. Ao meio dia, no refeitório, via-se bem que os cozinheiros se tinham apurado. O Sérgio abriu 4 garrafas de vinho fino, restos do Natal. Os refeitores serviram fatias de pão leve, de 4 regueifas que nos deu este ano, aquele mesmo sacerdote amigo que deu outras tantas no ano anterior. A virtude da perseverança não é nada barata. Alguns dos Pobres que os nossos Gaiatos visitam, comeram mais nós à mesa naquele dia *Maior*. A lição que o Mestre deu, então, ao mundo, se foi compreendida, não foi tomada porquanto, ainda anda por aí muita gente a disputar e vêr quem há-de ser o maior, por processos diferentes.

No sábado à noite, com a chegada dos Gaiatos da casa do Pôrto, esperava eu mundos e fundos, mas cada um dá o que quer, quando quer e como quer. Ainda assim, o nosso jantar de domingo, não cheirava a racionamento; foram amendoas, foi um ovo tingido a

cada bico, foi arroz doce e foi muita abundância do mais que se comeu. As amendoas vieram em grande quantidade, torradas, de um amigo do Pôrto. Uma família também de lá, veio nos trazer uma caixa de artísticos ovos, dúzias deles, e uma outra família amiga, de Casaldéu, não veio, mas mandou coisas delicadas e saborosas, para a ocasião.

Pela tardinha, ao cair do sol, saí com um dos meus «filhos» em visita a certas famílias pobres. As casas estavam em festa. A *limpeza* saíu das caixas a ornar. Sobre a mesa, ao centro do sobrado, um prato com flores. Esperava-se a visita do senhor abade.

«Dantes, meu senhor, a gente tinha uma rósca de pão branco em em cima da mesa, e depois que o senhor abade saía, sentavamo-nos aqui todos e fazíamos uma festa. Agora, estão lá flores.»

Muito devemos nós, senhores, a este povo laborioso e pacífico, que pretende corrigir os erros dos *grandes*, com um ramo de flores! *Estão ali flores, padre;* em vez de pão!

2 arrobas de lã

JÁ tosquiaram as nossas ovelhas que deram perto de 2 arrobas de lã. Foi toda fennida para ficar branquinha mas não ficou.

ORA LEIAM O ULTIMO

TENHO aqui sobre a mesa uma carta de algures. Quem a escreve, mistura a Obra da Rua com o Evangelho. Chama felizes aos que compreendem as Suas lições. Afirma que deve haver nela, na Obra da Rua, muita graça divina, para assim irradiar tanta luz nos corações. E termina por estas palavras: Parafrazeando a obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes, mais me parece Obra de Deus, para Deus, por Deus. Aqui é que está.

De uma vez, naquele tempo, Pedro e João puzeram a andar um coxo de nascença, que pedía esmola aos que entravam no templo dos Judeus. O povo acode, espantado do que tinha acontecido e foi então que os apóstolos desenganaram as multidões e disseram daquela obra maravilhosa, exactamente o que a carta acima, diz da Obra da Rua:—Obra de Deus.

Meus queridos leitores de «O Gaiato», tantos de vós desavindos e extraviados, por muito escutar e por muito ler; olhai para mim. Eu não tenho ouro nem prata, mas aquilo que tenho gostosamente vos dou. O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, glorificou seu filho Jesus, que vós hoje negais, não tanto com palavras como obras. Pois sabeis de mim que é mediante a fé em Seu nome que os apóstolos deram perfeita saúde àquele mendigo, naquele tempo; e que obras como a Obra da Rua, hoje, se levantam.

Porque não havemos de regressar todos à fé do Evangelho; vê o dedo de Deus nas obras que os homens realizam no mundo por Seu amor? Melhor. Glorificar o Pai Celeste pelas obras que Ele, proprio realiza, servindo-se do que não presta. Pais para onde havemos de nos conduzir; a que porta bater? Ele é a porta!

Porque é que os ricos de agora não hão-de dizer: Mestre, vou dar metade da minha fortuna aos pobres, como disse Zaquê, naquele tempo, e fê-lo. Sim, deu. Hoje, tiram! «Ai! padre, que queimam o nosso pão nas cinzas dos charutos», a queixa de um moribundo do Casebre, que duma vez morreu nos meus braços!

Eu topo tanta gente a ler «O Gaiato» nos comboios; nos electricos, nas ruas; tanta gente, que desejo fazer dêle um livro de meditação. Ai de mim se não pregar, tendo, como tenho, um tamanho e tão interessado auditorio. Senhor, que eu faça sempre como acredito, para não ser jamais estorvo à fé de quem deseja acreditar.

Importante

Se houver alguém na Invicta que ainda não saiba o que vem a ser isto de Casas do Gaiato, pode ficar a saber num instante; é questão de ir ao Cinema Olímpia, no sábado, dia 21, à noite. Ou amanhã, domingo à tarde e outra vez à noite. Não é fita.

O pardal-sem-rabo esteve connôco durante uns mezes e deu muito que falar. Provou ser um gatuno de respeito e eu estava cheio de esperanças nos nossos remédios caseiros

Mas pardal teve de regressar à Casa dos Pobres, por amor da tinha. Anda agora pelas ruas. Soube da nossa Casa no Pôrto. Apresentou-se a jantar à nossa mesa. Inspeccionou, tomou alturas e de novo se apresenta, a uma hora em que estava quasi só o Rui, o porteirito. Fez uma limpeza. A chegada da Governante, Rui explica que não sabe como aquilo foi. Luciano, Julio, Machado e Rodrigo, vão na esteira do gatuno; estava em casa. Apertado com perguntas o rapaz ia confessando aos poucos quando a mãe surge:—Olha que eu arrebento-te! Com medo da mãe, o rapaz começou a negar! Ora aqui está o mal da tinha.

Se a dôr fosse coisa que se mostrasse, o mundo havia de chorar com pena de mim e ajudar-me a instalar nesta aldeia maquinismos e pessoal habilitado para fazer guerra a esta peste. Vai para seis anos que andamos

ORA LEIAM O ULTIMO

O Zé saltimbanco, promete. O Júlio informa que êle tem lata. Chateia os freguêses. O Oscar, também abunda na mesma ideia: o gajo atrai-se bem. Seja como fôr, o rapaz vendeu 124 jornais e entregou 57\$00 de acréscimos! Apareceu-me com a saca cheia de migalhas.

— Que é isto?

— Foi na Ateneia, de bôlos que lá me deram e trago aqui mais.

O António é mais fraquito: 71 jornais e 6\$00 de acréscimos. Vem a seguir o Oscar com uma venda bonita: 220 exemplares, 15\$50 a mais, duas assinaturas pagas e 20\$00 de uma senhora que lhe pagou um livro. Mas o Oscar é soberbo. Café onde êle anda a vender, faz questão se outros aparecem; ora assim não está nada certo. Uma senhora deu-me esta gaiata; olhe! Foi a derradeira palavra do Oscar, ao prestar contas. E toda a tarde tocou.

O Amadeu é um pimpão; 305 números, 60\$00 de acréscimos, uma assinatura e uma esmola de 20\$00. O Júlio é mais, sem favor: 382 jornais, uma esmola de 20\$00, uma dita de 50\$00, uma assinatura paga. O senhor das botas deu-lhe 20\$00 para uma boina. O Luciano vendeu 55 e trouxe 15\$00 a mais.

O Augusto e o João, não vieram à cidade porque fugiram de Paço-de-Sousa! Sim. Esse «ai» que acabas mesmo agora de soltar, já eu o soltei, com dôr. Fugiram de manhã cedo, com a roupa do domingo, na companhia de um outro já grandito, que tinha chegado há pouco de Lisboa. Os amigos da Obra, não me devem forçar a receber nem mandar para cá, garôtos com mais de 10 anos. Ninguém conhece adequadamente o modo de ser da creança que nunca teve lar. Não se estuda, ou estuda-se mal êste problema. Quem sempre fêz sala dos caminhos, está disposto ao regresso. Sim; o Augusto maior João. Este, foi visto ultimamente a estudar as manias de um cofre que nós temos, como o Maximiano depois contou, talvez por estar no segrêdo, quem sabe?! Parece que a nossa vida é toda de rosas, e é; mas as mais belas têm seus espi-

ORA LEIAM O ULTIMO

ateitos a escutar os locutores das B. B. Cês e das C. C. Dês, que tanto valem uns como os outros, pois que todos anunciam a morte violenta. Vai para seis anos, que as nações se empenham em destruir, e se aparece no mundo alguém a construir, não é escutado!

Tenho gasto o meu latim por causa de um mal que eu faço meu, e o mais que consegui até hoje, foi descobrir que se anda em estudos! Durante os quais estudos vão os pardais estudando na companhia das mães, muitas e variadas formas de roubar.

As famílias desta classe de gento,

são os nossos inimigos numero um, inimigos que nós fizemos! Eu amo a família. Eu acredito na família como sendo o êlo mais forte das sociedades; tão importante, que se atiram a êle em primeiro lugar, todos quantos amam e trabalham pela desordem.

Porém, tanta coisa tenho aprendido à minha custa, que hoje faço tudo quanto em mim está, para separar absolutamente estes rapazes de quaisquer relações de família, quando alguns dêles porventura a tenham.

As mães são as piores. Quando a mulher desce—ninguém lhe leva a palma. De uma vez, uma rapariga nova, aparece-me com o filho ao colo: *Acuda-me. Uma sombra enganadora, deixou-me isto nos braços.*

Pedi-lhe que fôsse para a Mãe. Que não. Ofereci-me para ir com ela e pedir de joelhos, se fosse preciso, para a receber em casa. A moça carrega o semblante e grita: *não padre, não vou. Foi ela que me vendeu!* E choramos ali os dois a desgraça do negócio.

Crónica da nossa Aldeia

por José Eduardo

OS cozinheiros fizeram os dois anos e o prémio dêles foi comerem na mesa dos Professores e irem com o Sr. P. Américo a Penafiel à feira dos 10.

O Carlos e o Elvas andaram na cozinha à bulha e o resultado da contenda foi o Elvas sair com os beiços todos arrebatados. Mandaram depois chamar o Periquito e os dois contra o Carlos, levaram na mesma como o Elvas levou.

O Lisboa foi nomeado chefe da Camarata do Augusto por êle ter fugido. Como o Inácio se queimou, o Lisboa foi para o lugar

do Inácio e o Inácio foi para chefe de Camarata.

EU e o Inácio fomos passar a Páscoa ao Pôrto em Casa do Sr. em que eu fui no natal.

OS da Casa Pôrto receberam muitos brinquedos. Vieram passar a Páscoa a Paço de Sousa. Só lá ficou o Pinóquio, um rapazito de Vila Nova de Gaia.

Fizemos todos os mais crescidos a desobriga na Quinta-feira Santa.

AS nossas pombas já quasi todas têm cria. As rôlas também tiveram ovos mas foram lá bolir e as rôlas engeitaram aquêles ovos.

Assinaturas pagas

A bola dos atrazados, continua a derreter-se ao calor dos que vão pagando; o exemplo ainda é a melhor arma de conquista. Vamos a ver quando ela, a bola, fica em nada. A outra bola, a dos novos assinantes, essa vai crescendo, crescendo; e leva jeitos de se tornar avalanche. Daria dinheiro para saber aonde e como é que este jornal fare as almas, pois que são tantos os gritos de dôr!

As cartas veem a sangrar, de arrependidos: "Curvo-me por só agora vir e prometo não voltar a fazer o mesmo".

Outras, berram de entusiasmo: "pedia a fineza de enviar o nosso jornalismo". Eu já me contentava com o diminutivo. Outros, finalmente, acadêm aterrados, cabelos em pé: "Ontem conversei com dois membros de uma quadrilha de gatunos, capitaneada por um garoto de 14 anos, e lembrei-me de si". A carta diz vossa excelencia mas eu não a quero; eu sou Américo. A carta é de Vila Real de Santo António e um nadinha absixo, no texto, continua: "Todos temos responsabilidades naquela quadrilha". Isso mesmo, meu Senhor, "todos", a começar pelos grandes.

Bragança (os dois extremos) fala em 23 novas assinaturas a pronto, e promete mais. É um Rapaz que lá anda. Muito obrigado Doutor. Abra caminho. Limpe as teias de aranha.

João de Jesus Albuquerque e Andrade, Fornos de Algodres, 30\$00; Dr. Jaime Beltrão, 50\$00; Alfredo Oscar de Magalhães, 5 \$00; Dr. Osvaldo Bastos, 40\$00; Arnaldo Rocha Brito, 50\$ 0; Armando Lima, 100\$00; Pedro Prieto 20\$00; António Ferreira Rodrigues da Costa, 25\$00; Mário Augusto Ferreira da Costa, 25\$00; Menino Rui, Manuel P. Barbot Costa, 25\$00; Narciso Pinto Loureiro, 60\$00; Maria José Franco, 25\$00; Abel Baía, 30\$00; Arnaldo Carneiro, 100\$00; Alexandre Pires de Lima, 30\$00; Vicente Gonçalves Pereira, 50\$00; Raúl Octávio de Sousa, 50\$00; Albano Jorge Carlos, 50\$00; Maria da Glória Mota Alves, (1 mês), 25\$ 0; José Pinto da Silva Lello, 30\$00; Pedro Themudo, 50\$00; José Perfeito Gonçalves Pereira, 50\$00; Angelo de Sousa Madureira, 25\$00; Alcina Coelho, 25\$00; José Gomes, 20\$00; Álvaro Faria, 50\$00; David Ferreira de Andrade, 30\$00; Manuel da Silva Ferraz, 80\$00; Alfredo de Freitas Bragança, 20\$00; José Lopes Gaya, 50\$00; Bernardina Sá, 20\$00; João Alves da Silva, 50\$00; Caetano de Almeida Vasconcelos, 30\$00; Sociedade de Mármore, 30\$00; Natércia Guimarães, 25\$00; Alfredo de Albuquerque 5\$00; José Marques Cerdeira, 25\$00; Adílio Marques, 25\$00; Joaquim Sequeira, 30\$; Aurora Amorim Coimbra, 20\$; Lúcia Azevedo Antas, 25\$; Guilhermina Augusta Martins, 25\$; M. J. G. 30\$; Renato Ferreira dos Santos, 50\$; Maria José da Silva Mingot, 25\$; Aida Vilas, 30\$; António Ribeiro, 20\$; Joaquim Barbosa, 50\$; António Cochofel, 30\$; Eva Nunes Garcia, 15\$; Feliciano Augusto Ferreira 30\$; Castmiro Augusto Ferreira, 40\$; Alice Valença Baptista, 20\$; Elvira Silva, 40\$; Lucinda da Costa Soares Vieira, 30\$; Maria Eva Braga Bartosh, 50\$; Branca Dias, 50\$; António Braga Júnior, 50\$; Joaquim Vilela, 100\$.

nhos. Condenei-me a viver no meio de ladrões e cá ando.

Se não vier a dar num dêles tenho feito no mundo algo de grande!

Vila de Paredes, briosa, como sempre. Desta vez, um Senhor deu ao Amadeu os brinquedos da sua meninice: *olhe o que me deram*, exclamou o pequeno, á chegada!

Do que nos vem ter à

Casa do Pôrto

Muitas coisas e muitas pessoas lá vão dar.

As derradeiras, foram a tia do Rodrigo e uma sua dilecta amiga, a qual levava um recado na ponta da língua para dar ao rapaz; e deu: «Tire-me êsse avental, seu maricacas; isso não é trabalho de um «homem». Ora a gente não manda para a Casa do Pôrto rapazes do Pôrto, justamente por amor do zelo que a família nêles tem; não manda. Mas êste Rodrigo, como é dos subúrbios e não tem pais, julguei-o livre de perigo. Pois não está O pequenino agarrou-se às saias da nossa governante e disse-me, arrepiado, que quere regressar a Paço de Sousa.

No domingo de Páscoa, trouxeram-nos uma data de brinquedos. Também nos deram alguns coelhos. Já temos um galo e esperamos a galinha com ovos, que nos prometeram. Que dizer da máquina de costura, vinda de Lisboa, última palavra da Singer oferecida por uma Senhora Titular!? Venha ver a nossa máquina, foi o convite do Júlio, quando ali cheguei: olhe, tem um banco de estôfo e êsse banco faz de caixa.

—Oh! rapaz, pode lá ser?

—E' sim senhor.

E é justamente tudo como o rapaz diz: uma coisa completa. Senhora Marqueza; pelos anos que viveu lá fora, sabe que a noblesse oblige,—e assim pratica.

Estas crianças, Senhora, tenras como são, trazem já consigo o vírus da classe. Ora eu gosto imenso de ofertas assim, para desfazer conceitos. Não publico nomes, mas a êles digo tudo. Vossa Excelência é conhecida nas nossas casas. Em nome dos «Gaiatos» das três casas, um fervoroso «aqui nos tem».

Temos um rapaz do Pôrto que nunca se calçou por ser aleijado de um pé. Foi à Atlas pedir uma fôrma e êles fizeram mais: mandaram umas botas. E agora, por fábricas de calçado; se os fabricantes de S. João da Madeira soubessem da minha vida, haviam de me ajudar na solução do tremendo problema de calçar esta tropa! Quem sabe?! Talvez o presente número de «O Gaiato» venha a cair sôbre a mesa de um ou mais daqueles laboriosos senhores. Ele há tantas obras no mundo, que só se não amam porque se não conhecem; e justamente por isso, tantos corações que nunca se revelaram!

Para os mais pequeninos dêles, a gente vai-se remediando em calçado do Desemprêgo, sim. Mas quando chegamos aos maiores, sobretudo aos do Pôrto, onde o pé descalço é feio,—*hic labor est*.

De uma vez, um senhor muito generoso, ofereceu-me uma pancadaria de contos, se eu lhe fôsse a Lisboa descalçar uma bota que tinha em certo Grémio. Hoje, peço que me ajudem a calçar botas. Não ofereço contos por isso, ofereço trabalhos; ofereço suor; ofereço sangue; ofereço a cruz a todos quantos me ajudarem a levar a cruz. Este é o mais fecundo de todos os negócios.

Mais: à hora do nosso jantar, entra um amigo, com frutas. Mais duma confeitaria pão de ló. Mais um visitante, à saída, enfia nas minhas mãos, descaradamente, uma nota de cem, e mais nada.



OS rapazes da Casa do Porto vieram passar a festa da Páscoa à nossa. Eram o Luciano, (cerralheiro e Maioral) o Júlio, (estudante) o António, (empregado e estudante) o Rui, (porteiro) o Mário, (refeitoreiro) o Bártelo, (cozinheiro) o Rodrigo, (roupeiro) e o José, (creadito). O Júlio não cabia dentro do fato novo que lhe dera o senhor das botas. Não por ser apertado, que não era; era até, folgado. O rapaz é que inchou!

CHEGOU agora um grupo ao pé de mim, arrastando pela mão um dos roais pequenitos, que chegou há dias da sua pátria, —a Rua. Eram testemunhas de viata, que se propunham acenar o rei. Que fôra?

Estiveram uns senhores de fora a fumar e vai o pequenino apanha uma ponta ainda com lume, e acabou o cigarro. Quem disse aos outros que isto era mau, pois se todos êles faziam o mesmo?! Escolas onde a consciência tem a palavra, são sempre boas.

NÓS temos quatro roupeiritos que passam a ferro e condicionam as centenas de peças de nosso uso. São os últimos que se deitam cá em casa. Além desta obrigação, que não é pequena, toem a da escola; dois, do dia e dois, da noite.

Ora êles, quando lhes parece que o mereceram, pedem à senhora café, antes de se deitarem. Eis como: já passamos a roupa tôda branca e da nossa. Pedimos à senhora se a senhora podia fazer uma pinguinha de café para irmos para a cama quentinhos. E' assim que o chefe escreve e manda o bilhete à cozinha, onde a senhora se encontra. Como a cozinha àquela hora, está arrumada, vai um dos pequeninos refeitoresiros fazer, na do forno, uma grande fogueira. Quem quiser gozar, que venha vêr o que é o café das onze da noite na nossa lareira. Oh! prebrezinho chá das cinco, enxertado nos nossos costumes, que frutos tens tu dado? A cêpa era direita e tu fizeste-lá torta!

O Zé sem mais nada veio-nos ver no Domingo de Páscoa, à noitinha. Eu tinha saído e no regresso, vi-me fuzilado dos quatro ventos: —Esteve cá o Zé sem mais nada! O Zé sem mais nada, ao que me parece, mora perto da nossa Casa do Porto, pois que sempre que ali vou, oiço do Júlio de como êle por lá vai jogar o ping-pong e mais coisas.

ESTAMOS em plena faina agrícola. As centenas de árvores de fruto que metemos na terra no tempo próprio estão pujantes de vida! Os nossos pães de pragana, prometedores. Da Sementeira das batatas, não se fala. O linho, o nosso linho do bragal, foi semeado há dias. Pediu-se semente à Estação Agrícola do Norte, que por esta e outras maneiras, muito nos tem ajudado. Ervilhas, fava, cenouras, cebolas, estão a vir lindas como os amores. Os milhos da sequeiro, já despontam.

Compramos nos bois tourinhos muito grandes. Ai! que mansinhos, declarou o Gari, uma vez que lhes foi dar de comer e passou por debaixo da barrigada dos animais! Vondemos duas vitelas para comprar uma vaca. Tostámos as ovelhas e temos muito lá para os nossos cobertores. As três ninhadas de pintalhões estão livres de perigo. O «Gaiato» que tonou conta, já recebeu o prémio: comeu à minha direita e teve sobremsa. As nossas rôlas fizeram-se à casa; cantam de dia nos ramos de uma figueira que temos à porta da cozinha e à noite, recolhem ao seu abrigo.

Quando o pequenino Francisco bota do comer às galinhas, elas veem, mal-las pombos e todos conversam. Oh! conversa celeste!

O Amadeu Elvas veio agora mesmo aos saltos pelo corredor fora, aonde a mim: nasceu mais uma ovelhinha! Eu disse-lhe que ela seria dêlo, já que foi o primeiro a dar a noticia do faustoso aconteci-

mento. Mas palavra não era dada, quando surge o Gari, o dos estábulos, a protestar muito alto: Eu é que a achei: ela é mas é minha.

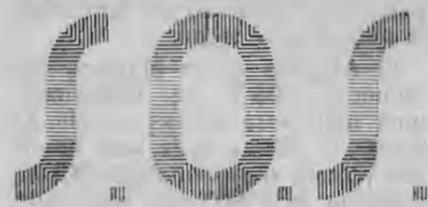
TEM graça, que os nossos dois cozinheiros fazem anos no mesmo dia; um 14 e outro 15. Não digo que êstes dois moços galantes estejam aptos a dar conta do recado por si mesmo mas já vão muito longe, pelo que muito merecem. Pois naquele dia, receberam ordem de brincar. Ao meio dia, sentaram-se à minha mesa, onde foram servidos pelo Elvas e pelo Francisco. Comeram pão leve, beberam vinho fino, receberam prendas. No fim tomamos um carro ligeiro e fomos a Penafiel, onde eu tinha de aviar coisas. Lisboa e Inácio e Compadre Chegadinho, supriram.

NÓS temos cá em casa uma grande duzia de Miúdos que, por não terem ainda idade escolar, andam à solta. Estão as coisas em bom caminho para se formar na Aldeia uma escola infantil, dirigida por Mães, mas isto é somente quando mudarmos. Até lá, não há outro remédio senão aturá-los. Elee pintam a maecaa. Estragam. Ontem, foi uma partida de enxertos de vides. O que nos vale é o Sérgio, mal-lá colher de pau. A' noite, formam os delinquentes e anda a colher no rabo.

VEIO há dias um Senhor do Porto visitar a nossa aldeia. Deixou uma pancada de contos para as nossas obras e no fim disse: agora outro negócio. O qual negócio foi deixar 100\$00 da assinatura de «O Gaiato». Sim senhor. Contas do Porto. Cada coelho sua cajadada.

FOI aqui muito deplorada a fuga de alguns rapazes que tinham fugido. Regressaram o Raul e o Celorico. Foram até Viana do Castelo.

A' noite, em público, o mais velho pediu perdão aos companheiros.



Tenho aqui sôbre a mêsã onde rabisco cartas muito sinceras, de pessoas que desejam fazer alguma coisa a bem das menores perdidas; e relatam casos, que fazem falar as pedras das ruas, espantadas do nosso silêncio!.. Eu digo a tôdas essas cartas que sim, que sim, que sim. Mulheres de Portugal, por amor à Humanidade e decôro da vossa classe, levantai-vos. Que uma de Vós deixe a barca e as rêdes; que se agache; que se cale; que se faça rasteirinha como a terra, e comece em uma casa humilde, a fazer o caldo e a ajeitar flôres. Três garôtas. O fermento há-de ser pouco...

Não buzines! O caldo é o melhor!

CRONICA DO LAR DOS

Pupilos dos Reformatórios

(atrazada)

A Páscoa aproxima-se e por isso também se aproxima o dia da grande festa que costumamos a fazer. Mas como rapazes cristãos que somos costumamos fazer a nossa comunhão Pascal antes do dia de Páscoa. Assim foi. Chegou o dia da desobriga operária onde nós rapazes do lar nos fomos associar. Logo de manhã nos dirigimos para a Sé nova onde dezenas de operários como nós nos esperavam para irmos assistir ao Santo sacrificio da missa.

Principiou então a missa seguindo-se a sagrada comunhão que nos veio alimentar a alma. Terminada a missa dirigimo-nos para a escada da mesma Sé a onde todos os que tomamos parte da sagrada mesa de alimento para a alma tiramos uma fotografia na companhia do Sr. Bispo Conde. Seguidamente fomos convidados pela Liga Operária para tomarmos um pequeno almoço o qual saboreamos com muito gosto. No decorrer do pequeno almoço foi combinado um passeio a Vale de Canas. Pois o dia estava lindo e convidativo. Chegou a tarde e lá seguimos! O passeio foi excelente. Tomaram parte no mesmo cerca de 30 ou mais operários entre os quais ia a Bandeira da Juventude Operária.

Entre esta comunidade operária iam alguns rapazes que representavam o nosso Lar; eram êles os que de manhã tinham tomado parte na comunhão José Maria Sá, Jose Ferreira, Manuel Tinoco, António Maria e Bartolomeu.

Assim passamos um dia alegre e feliz como homens e cristãos e continuaremos sempre a ser os mesmos pois só assim poderemos ser operários dignos perante Deus perante os homens e perante a Pátria.

O Crónista
José Maria Sá.

Pobres de Cristo

Não temos ido agora visitar os nossos pobres porque êles têm vindo buscar cá a esmola.

O de Bairros foi convidado para vir cá comer na quinta-feira Santa. Também demos mais alguma coisa no sábado por ser dia da Ressurreição. O de S. Lourenço ficou muito contente ao receber os talheres que lhe mandaram de Lisboa.

Um senhor do Pôrto disse que ia mandar a cama que o de S. Lourenço me pediu, e, agora só precisa de roupa para êle. A do Assento ainda não recebeu a roupa que me pediu para os filhos e para ela. Também costumamos levar esmola a um doente do Assento que está tuberculoso.

O Secretário
José Eduardo.

ESTE NÚMERO DE
"O GAIATO"
FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA